

A RABECA

EDITOR E PROPRIETARIO = MANOEL VICENTE VENTURA

Redacção, Praça de D. Pedro, 18

Anno I	Assignaturas	FOLHA INDEPENDENTE	Publicações	N.º 24
	Cada serie de 10 n.ºs..... 100 rs. Fóra d'Evora..... 120 " Numero avulso 10 rs.	Evora, 4 de julho de 1897	Annuncios..... 20 rs. Comunicados..... 50 " Os assignaturs têm abatimento de 30 %	

**A RABECA é o jornal
mais lido no Alemtejo.**

O altar da Patria

O governo lucta com sérias dificuldades para arranjar dinheiro. Lança mão de todos os meios possíveis e todos lhe fallham. Não ha quem empreste um real, a não ser com boa hypotheca.

O que resta pois ao governo fazer? Lançar-se nos braços de administrações estrangeiras? Vender as nossas possessões d'além-mar? Mas isso não pode ser. O povo, este nobre povo portuguez não consentirá em tal, ainda que tenha, para o impedir de lançar-se na revolução!

Não será preciso talvez, empregar esse meio violento. Portugal é muito rico. Possui ainda muito ouro, o ouro sufficiente para levantar a cabeça e equilibrar as suas finanças. Mas ha de ser com outra gente, ha de ser com gente nova, ha de ser com outro regimen. Vós bem o persentis. Vós bem o sabeis.

Mais devia a França em 71, e ella levantou-se. Abandonae, por que tendes que abandonar forçosamente essas cadeiras e deixae sentar n'ellas os verdadeiros patriotas e vereis como Portugal desperta e o credito se restabelece em toda a parte.

Vereis levantar-se em todo o paiz, como por encanto; O ALTAR DA PATRIA!

Vereis como ricos e pobres, ali correrão a lançarem nas bandeijas, muito dinheiro, objectos de ouro e prata, para salvarem a patria que os viu nascer!

Este é o unico meio de salvação no estado actual em que se encontra o nosso desgraçado paiz. Até lá, podeis fazer o

que vos aprouver, na certeza que, o que fôr vendido sem que o povo seja sabedor nem auctorise, ser-lhe-ha arrancado da mão do possuidor, custe o que custar.

Ventura.

A' Direcção do Banco de Portugal

SYNDICANCIA

A dignissima direcção do Banco de Portugal e os nossos estimaveis leitores hão julgado talvez, que demos por terminada o syndicancia que vimos fazendo dos actos despoticos do director já mencionado. A falta de espaço com que luctamos sempre, pela pequenez do nosso jornal, tem sido a causa principal d'essa demora.

Hoje, porem, que podemos dispor de um bocadinho, vamos continuar a nossa tarefa:

QUARTA E QUINTA VICTIMA

Trata-se de dois cavalheiros muito respeitaveis d'esta cidade, os srs. Adriano Morteira & Saturninho.

É firma moderna na praça de Lisboa mas que gosa de um credito illimitado.

Devido aos seus bondosos corações protegem ha tempos, com seus creditos um bellissimo rapaz, estabelecido n'esta cidade. Ha dias, o seu protegido precisou de 1:300\$000 para satisfazer seus pagamentos. Os srs. Adriano Morteira & Saturninho, prestaram as suas assignaturas que de nada serviram para o sr. Eduardo Soares.

O dinheiro não foi levantado da Agencia, por que o «dignissimo» director pôz em duvida os creditos d'aquelles cavalheiros que segundo nos consta tencionam queixar-se á direcção.

Pode porventura, continuar á testa d'aquelle estabelecimento, um homem d'esta natureza, que

não tem consciencia, nem se envergonha de, n'um momento, fazer oscilar os creditos de commerciantes conhecidos e acreditados nas nossas praças e no estrangeiro?

Pode continuar n'aquella casa um empregado que despresando os interesses do Banco só trata dos seus interesses pessoais?

Não pode, nem deve ser.

Manoel Vicente Ventura.

Aos Onofroffistas d'Evora

A'quelles que censuram a nossa incredulidade, vamos provar-lhes que não nos enganavamos quando diziamos que tudo que o tal Onofroff fazia era combinação.

Foram chamados doze rapazes de diferentes edades para se prestarem ás experiencias de fascinação e hypnotismo. A cada um offereceu o tal magico 300 réis por noute, e como faltou ao que prometteu, os rapazes divulgaram o segredo a quem os queria ouvir. Nós interrogamos alguns, que nos disseram que em tudo quanto faziam eram ensinados por elle. Se dançavam, era por que o falso Onofroff lhes dizia baixinho e com as costas voltadas para o publico: Dancem.

Se fechavam os olhos e fingiam que sonhavam era por que elle lhes ordenava que tal fizessem. Quando se deitavam e que elle lhes dizia: Levantem-se se podem? Não o faziam por que elle lhes havia prometido 300 réis, que nunca lhes deu.

Aqui tendes srs. Onofroffistas d'Evora como se desmascara aquelle que os comeu. Bastou só a falta de cumprimento á palavra que havia dado a uma duzia de crianças, para que aquelle castello cahisse no fosso do ridiculo.

Na transmissão do pensamento também nunca acreditámos, por que, tendo-nos prestado a quatro experiencias, todas deram resultados negativos.

No quinto espectáculo, quando um dos espectadores quiz, que o tal bruxo, levasse ao palco o proprietario d'este jornal e lhe mettessem uma rabeca na mão, não o apanbaram de surpresa, por que n'esse dia, ás 3 horas da tarde, já se sabia que tal experiencia havia de ser pedida.

A monumental pateada que ao prestidigitador ONOFROFF de

ram na noute de S. Pedro, foi mais uma que elle apontou na sua carteira de lembranças, pois que, ha tres annos no Colyseu da Rua Nova da Palma, em Lisboa, foi prohibido de fazer as taes experiencias e em certa noute até os fauteuils e cadeiras foram parar ao palco. Cá, esteve quasi a succeder o mesmo.

O QUE DEU CAUSA Á GRANDE PATEADA

N'aquella noute, Onofroff annunciava; *Assombrosas experiencias de fascinação e transmissão de pensamento.* Esperava elle, que o publico fuisse o mesmo que nas noutes antecedentes, mas enganouse. Na plateia viam-se medicos de quasi todas as povoações do Alemtejo, anciosos de ouvir o cantar d'aquelle melro. O homem foi informado por alguém que lhe disse, naturalmente:

—Você hoje vae trabalhar diante de um punhado de homens de sciencia, tenha cuidado com os truccos.

Foi quanto bastou para que, o bruxo já não quizesse fazer experiencias, e limitou-se apenas a fazer duas sortes de prestidigitação que já as temos visto mais perfeitas em barracas de feiras.

Os espectadores pediam em altos brados o cumprimento do programma annunciado. Mas o homem tinha medo. Não queria perder n'uma hora o que tinha ganho em seis noutes. Estava no seu direito.

Da sua teimozia resultou uma pateada formidavel. Até fazia fumo, Santo Deus!

Nunca, em o nosso theatro se deu uma pateada de tal força e mais bem merecida.

E' assim que se castigam os prestidigitadores de feira.

Do pão do nosso compadre...

Um commerciante d'esta cidade e mesario da misericórdia, arranjou para uma cunhada, proprietaria e que possui carro e parelha, uma *esmolinha* de 7000 réis por mez.

Foi bem empregada. Estava na ultima miseria, coitadinha.

Quando isto é por cá... o que farão por lá!

Partiu para Montemor onde tenciona dar alguns espectaculos, a Companhia do Real Colyseu de Lisboa.

GAZETILHA

Quem não viu o *Onofri off*.
Não vê nada n'este mundo.
Faz cousas maravilhosas!
Fascinações assombrosas!
Estudou sciencia a fundo.

Quem não viu, não acredita
Em milhares de maravilhas.
Gemendo e saltando ais,
Nas botchinas dos paes,
Vae fascinando as filhas.

Quem não viu d'um pensamento
A perfeita transmissão,
Feita com arte e *finura*,
De pôr no palco o Ventura,
Com a rabeca na mão!

Quem não viu a exp'riencia
D'aquelle grande ratão,
D'aquelle *bruxo* mafino,
Fazer o Zé Celestino,
Dar com as costas no chão!

Quem não viu dançar rapazes,
Suspensos d'alegras sonhos.
Outros no palco nadando,
Alguns com gelo sonhado
E precipícios medonhos.

Quem não viu esse *fantoche*,
Que enganou cá, meio mundo.
Com certeza não viu nada.
Tambem, levou pateada
Como não levou segundo.

Arutnep.

O PAPAGAIO

Falleceu ha dias victima da
terrivel doença que ha muito
o martyrisava (falta d'ar) este
nosso estimado collega que via
a luz em Evora.

Aos seus numerosos leitores
e assignantes endereçamos os
nossos sentidos pezames.

A Redacção.

AGRADECIMENTO

D. Anastacia Torres Má
Lingua, Catão Ridículo, Julio
Nelson e Viriato o Pastor,
veem por este meio testemu-
nhar o seu reconhecimento pa-
ra com todas as pessoas que
durante a *doença* do seu muito
presado filho, irmão e cunha-
do, Alberto Marques Papa-
gaio, que infelizmente suc-
cumbiu, aos que por elle se
interessaram, e muito espe-
cialmente áquelles seus ami-
gos que muitos serviços lhe
prestaram, aos seus ultimos
momentos.

Ao ex.^{mo} o sr. dr. Pithagoras
que ultimamente *tratou* do fal-
lecido empregando todos os re-
cursos que a sciencia faculta
para o salvar, aqui lhe teste-
munhamos o nosso reconheci-
mento.

EM FESTA

Repicam os sinos nos altos
campanarios; os foguetes esta-
lejam nos ares; retumbam as sal-
vas no espaço ethereo e o sol pa-
rece ter mais brilho no alto céu.
E' a festa.

Aqui e alli, destacam-se, nas
ruas, grupos de populares, bur-
gueses e aristocratas, trajando
com mais ou menos apuro se-
gundo a cathogoria a que perten-
cem, ou a fortuna que possuem.

Sigamol-os de perto, dirigem-
se para a igreja, entremos com
elles e vejamos o que alli se pas-
sa:

Entre lustrosos doirados que
adornam as espaçosas paredes do
templo, destacam-se sumptuosas
capellas, n'algumas das quaes ha
riquezas fabulosas.

Entre leves e vaporosas nu-
vens d'incenso, envoltos em ves-
tes adamascadas, entoam os sa-
cerdotes seus cantos.

Do alto do côro partem os so-
norosos hymnos da suave or-
chestra e as almas sensiveis evo-
lam-se, arrebatadas pelo extasis
fanatico ou atheu, segundo as
doutrinas que professam.

Repicam mais os sinos; esta-
lejam mais e mais os foguetes;
descem os sacerdotes do seu pal-
co; avança o povo para a rua;
desfilam as irmandades, suas cru-
zes, andores etc. etc. e está prin-
cipiada a procissão.

Em cada janella alta, vê-se
uma fina colcha linda e ricamen-
te bordada, fluctuando a sabor
de leve brisa.

Sobre ella encostam-se, altiva
e desdenhosamente dois ou mais
cavalheiros cobertos de lindos e
preciosos fatos, ou duas ou mais
damas envoltas em apuradas mo-
das, com os pulsos cobertos de
braceletes de subido preço e os
dedos repletos d'anneis, enera-
vando vistos os diamantes ou ricos
topasios e amethystas, coisas inu-
teis para a sociedade, escarneo
feito á pobreza, debatendo-se nas
garras da miseria.

Emquanto tudo isto se passa,
uma creança semi-nua e descal-
ça, a tez tostada pelos soes e
chuvas, seis a sete annos, tra-
zendo no braço uma cestinha de
«bouquets», supplica a compra
d'elles ao povo que passa, como
quem supplica uma esmola, o pão
de cada dia.

Uma velhota cega, assentada
em um poial, estende embalde a
mão á caridade.

Um aleijado dá brados que
dilaceram a alma e um persona-
gem envolto em singelleza, pas-
sa rapido, como que furtando-se
aos olhares da multidão, lança
um obulo em cada mão, colloca

um «bouquet» na quasi esfarra-
pada casa da golla do seu mo-
desto casaco e retira-se com o
olhar fito no chão, por estreitas
travessas até chegar aos campos.

Chegou. Alçou a vista ao céu,
poz a mão direita sobre o cora-
ção, cruzou em seguida os bra-
ços, tornaram-se-lhe hirtos os ca-
bellos e pelas faces pallidas de
commoção, deslisaram-lhe duas

grossas lagrimas ao impulso d'um
soluço, um arranco d'alma.
E' um poeta.

Meu Deus! como eu estou cansado de viver!

Tito de Myrtila.

Chamamos a attenção dos nos-
sos leitores para o annuncio que o
sr. BORGES OURIVES insero na
secção competente.

LAMENTOS!

(A ALGMEEM...)

Oh! como é triste o miseravel mundo!
Sempre guiados ao sabor da sorte,
Nós caminhamos qual infeliz nauta
Que não vê praia, que perdeu o norte.

Vagas esp'ranças, gratas mil chimeras,
Tudo se esvalhe n'um só instante, um só!
Tudo resvala n'um fatal declive
E vae na morte reduzir-se a pó.

Soffrer constante d'amargura infinda
Eis o que vemos desde o berço á morte.
Soffrei, ó homens, pois assim o quer,
Assim o manda a desgraçada sorte.

Vem pois, ó morte, não consintas, não,
Que soffra mais meu 'spirito alquebrado,
Eu tenho horror a esta vida toda.
De soffrer tanto estou já mui cansado.

Vidigueira 29—6—97.

J. J. Lampreia de Gusmão.

OENES

Improviso

(A... ELLE)

O' fera negra e vill a quem humilhas,
Ente sem alma, tigre carniceiro,
Besta feroz p'ra quem não bastam cilhas,
Faminto lobo, vil moucho agoureiro?

Esmagas quem tem alma altiva e nobre
E que a fronte não curva á escravidão?
Eh lá! vilão maldito! o rosto encobre,
Escuta esta voz d'alma e coração.

Pensas em que ha senhores? ... Não existem.
Escravos já não temem os grilhões...
E se grilhões inda ha, vê que resistem
A elles, sem esforço, os corações.

Que queres? guerra atroz? ... Eu não a temo.
Tu tens a bruta força; eu a razão
E basta-me um esforço bem supremo
P'ra te calcar aos pés, ente vilão.

Esmagas quem tem alma altiva e nobre
E que a fronte não curva á escravidão?
Eh lá! vilão maldito! o rosto encobre,
Recua ante esta voz do coração.

Evora, junho de 94.

Horus Libycus.

SUSPENSOS

Suspensos deveriam ser os que nos governam.

Suspensos, sim, de todas as funções que exercem e de todos os foros que infamemente arrebatam ao nosso paiz.

Suspensos deviam elles ser pelo... modo degradante como teem conduzido á beira do pelago fatal da perda da autonomia, a nossa querida patria.

Isto sem falar da perda da liberdade que elles em balde tentam anniquillar, porque embora a aviltem ella occulta-se no recondito d'essa grande alma do povo, até que d'ella irrompa em cortejo terrivel para elles, que teem contribuido para a nossa decadencia, a nossa completa ruina.

Succedem-se os empréstimos e por consequencia os vexames, por que ninguem, devendo, pode ser verdadeiramente independente.

Succedem-se os governos e cada um «arranja-se» como pode, ou melhor dizendo, como quer, por que o povo, este pacifico povo portuguez, que, com certeza, é digno de melhor sorte, tudo tem consentido até hoje.

Empenha-se enquanto ha que empenhar e ninguem protesta na praça publica, porque se alguém o fôr fazer, lá estão os revolvers da policia e a cavallaria e bayonettas da municipal que não cederão um palmo de direitos aos cidadãos.

As companhias estrangeiras, assaltam-nos disfarçadamente, quaes quadrilhas de bandidos que assaltam o povoado de combinação com o regedor e tudo se soffre sem se soltar um lamento, por que os lamentos em Portugal são contrabando e aí das almas nobres e sentimentaes, que lamentam o seu paiz, por que serão logo soffucados todos os seus brados generosos, com a querella, ou a cadeia.

Mas um dia virá—e elle não vem longe—em que tanta infamia seja esmagada.

Um dia virá, em que os esbanjadores do thesouro do povo transporão as fronteiras no prazo mais curto em que o possam fazer.

Um dia virá em que o povo não podendo supportar as aggressões commettidas á integridade da patria e aos seus direitos, brade alto e bom som, contra a caterva de ambiciosos e egoistas, então a despenhar-se do alto da montanha gover-

namental, como quem grita a uma alcatêa de lobos, que, de batendo-se mutuamente nas garras famintas, se despenha do alto pico de escarpada ser-ra sobre a corrente de turvo e candaloso rio.

E n'esse brado, soarão os hymnos de triumpho, envoltos na sublime e magica palavra —LIBERDADE!

O' vós, povo, alegrai-vos, por que esse dia não vem longe e vós bem o sabeis, porque já sôa um clamor crescente e esse clamor é o brado soffucado que irromperá do vosso gigante peito em unissono cavo e sonoro, esse clamor, será o brado de SALVA A PATRIA!

E' hoje que se realisa na Praça de Touros o primeiro espectáculo, pela companhia Luigi Cardinali.

A Companhia é composta de 20 artistas e 15 cavallos.

Veremos e depois fallaremos.

RINDO...

Um regedor a quem o a lministrador do concelho mandou informar sobre o numero de fogos que havia na freguezia, respondeu:

«Satisfazendo ao officio de v. s.^a em que me pergunta o numero de fogos d'esta freguezia, tenho a satisfação de informar a v. s.^a que desde que estou n'esta terra não tem havido fogo nenhum.»

Um lapatanas vae a Lisboa e passando por uma casa de cambio. não vendo nada exposto á venda, entra e pergunta ao cambista:

—O que é que o sr. vende?

—Cabeças de burro, diz lhe o cambista enfurecido com a pergunta.

O lapatanas encaminha-se para a porta a passos lentos e diz com muita paz de espirito:

—Deve ter bem boa freguezia. E' ainda tão cedo e só tem uma no estabelecimento.

ANNUNCIOS

BORGES OURIVES

(ANTIGA CASA LEAL, ourives)

Rua da Sellaria, 21

N'esta officina acceta-se qualquer obra para concertar ou fazer de novo, em ouro, prata, plaquet, christoffe, zinco, relógios, leques, boquilhas, etc.

Trabalha-se em azeviche e coral, oxida-se prata e aço.

Doura-se e prateia-se.

Compra-se ouro, prata e pedras preciosas.

Pagam-se por bom preço.

Aos amantes dos bons petiscos

Hoje, na barraca do Viriato, no Rocio de S. Braz, encontram-se á venda petiscos de novidade e bons vinhos, por preços convidativos.

Especialidade em **atum á Thomarense**

CASAS

Arrenda-se uma com frente para a Praça de Geraldo.

Dita na rua das Fontes n.º 35 e 37.

Lojas na rua da Sellaria n.º 15, 23 e 25.

Cocheira no Largo do Anão.

Casas na rua da Sellaria—altos da mercearia Braz Simões & Martins.

Trata-se na Praça de Geraldo, 40 e 44.

CREADO

Offerece-se um que sabe tratar de vinhos, ou para outro serviço.

Rua do Senhor da Cabeça n.º 22. Dá referencia.

EVORA

BIBLIOTHECA AMOROSA

E' uma nova collecção de contos engraçados, estylo realista, suave, transparente, sem vocabulos pornographicos. Cada volume, que consta de 32 a 64 paginas, impressas em bom papel assetinado e ornado com 5 bonitas gravuras, custa apenas 60 réis. Cada serie de 10 contos ou sejam 330 paginas e 54 gravuras, 500 réis.

VOLUMES PUBLICADOS

O sapatinho vermelho, Os prazeres de Luizinha, Delirios de prazer, Bem aventurados os mansos, A flor das creadinhas, A alcova nupcial, Remedio para tristezas, Como se enganam os homens, Diabruras do priminho, Uma familia de carneiros, Por diante e por de-traz, Recreios conventuaes.

VOLUMES A PUBLICAR

No templo de Cythéra, Bachanaes romanas, A mulher do camiseiro, A moral dos collegios, A costureira, A Maria das Tairocas.

Vende-se nas principaes livrarias de Lisboa e Porto, provincias, ilhas, Africa e Brazil, devendo os pedidos ser dirigidos á

Livraria Editora

DE

Francisco Silva

89—Rua de Santo Antão—81 LISBOA

FABRICA DE LADRILHOS EM MOSAICO

DE

Francisco Damaso da Fonseca Varella

Grande variedade de desenhos em todas as côres. Preços mais baratos do que nas fabricas de Lisboa.

Rua das Alcaçarias n.º 1

EVORA

Minerva Eborensis de J. J. Baptista.—Praça de D. Pedro, 75—Evora.

Anno I

N.º 24

A RABECA

Folha semanal, litteraria e independente

EDITOR E PROPRIETARIO, MANUEL VICENTE VENTURA

Redacção e administração, Praça de D. Pedro, 18

Ex.^{mo} Sr.

ESTRELLA D'EVORA



Nova casa de vinhos e petiscos. Todos os dias, iscas e petiscos diversos.

A' ESTRELLA D'EVORA!

Rua do Mau Fôro n.º 21

SAPATARIA LISBONENSE

Officiaes, precisam-se.
Trabalho effectivo.

MODISTA

Offerece o seu atelier e participa a sua morada ás suas freguezas. Rua da Moeda, 75. Preços baratissimos.—Evora.

ENDA FARROBO

RUA DE MACHEDE, 77

Carne de porco cheia, paíes, linguiça e outras peças grossas, garantindo-se a boa qualidade.

La Mode Nationale

O melhor e mais barato jornal de figurinos, para senhoras e ateliers de modistas; trazendo sempre um molde gratuito a titulo de brinde.

ASSIGNATURAS

Por 3 6 12 mezes
800 1500 2800 réis

Numero avulso 80 réis.

A' venda na papelaria e tabacaria Berlim.

Rua João de Deus—Evora.

OFFICINA DO PINTOR

VENTURA

18—PRAÇA DE D. PEDRO—18

ao pé do Theatro Garcia de Rezende

Trabalhos bem acabados, com solidez e economia.

Pinta e doura letras em todos os generos.

Finge madeiras e pedras.

Forra casas a papel.

Pinta moveis de ferro e zinco.

Encarrega-se de qualquer trabalho concernente á sua arte, em Evora ou em qualquer ponto do paiz.

CASEMIRAS

POR METADE DO SEU VALOR

AO BARATEIRO

Ninguém compre sem primeiro ir ver os preços por que o Barateiro vende as suas fazendas.

Póde garantir que não ha em Evora nem em Lisboa quem venda por preços tão arrastados como esta casa.

Todas as suas compras são em grande escalla, e pagas á vista, para

GUERREAR

FAZENDAS, a maior parte d'ellas com um desconto grande!! Fazem-se descontos especiaes para REVENDER.

Barateza! Barateza!

Um grandioso saldo de xaviotes, flanellas azues e pretas e casemiras, a principiar em 340 réis o metro

MAIS DE 2:000 metros de zefires escocезes, para vestidos de senhoras e creanças. Preço de metro, 65, 80, 90, 100 e 110 réis.

MILAGRE DO BARATEIRO

Lenços de seda, o que ha de mais fino e marca maior, a 580 réis

CREPES FINOS para VESTIDOS A 150

Flanellas finas, boas para vestidos a 300 réis. Flanellas pretas e azues para fatos a 600 réis

Espartilhos com grande differença de preço

MILAGRE DE SANTO ANTONIO

Um grandioso surtido de gravatas de seda a principiar em 100 réis.

Gravatas vendidas por metade do seu valor!!

NOVIDADES

Escocезes de lã e algodão a 190 réis o metro

Crepons, tecido em relevo, a 200 réis

Zefires para vestidos, a principiar em 80 réis o metro

MILAGRE DA CASA

Panninho branco para roupa de homem e de senhoras, a principiar em 85 réis o metro

PERCALINAS E CHITAS MODERNAS a principiar em 80 réis.

GRANDES PECHINCHAS

Rendas, cada metro, a principiar em	10	Riscado para camisas, cada metro	80
Gravatas a principiar em	40	Flanellas de lã e algodão, cada metro	140
Luvax, idem	80	Castorinas de lã, enfiadas a	200
Camisas de flanela, desde	480	Panno cru lavado, desde	80
Riscados, cada metro, desde	65	Lenços finos para a cabeça a	70
Panninho para forro, desde	60	Maços de ganchos a	10
Meias de cordão para creança, desde	25	Piló desde	80
Collarinhos de borracha	20	Camisollas para homem, desde	120
Guardanapos adamascados	25	Ditas para creanças desde	80
Botões de madre-perola, cada duzia	20	Toalhas para creanças	40
Setinetas, cada metro	130	Sabonetes do Congo, muito finos, a	10
Barbas para vestidos, cada duzia	70		

AO BARATEIRO

CANDIDO FERNANDES PASSOS

Rua João de Deus, Vulgo Ruancha, loja ao fim do ultimo arco ao pé dos latoeiros.